



Os jovens congadeiros de São José do Triunfo e suas referências identitárias¹

Raquel Lara Rezende²

José Luiz Ribeiro³

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, UFJF

RESUMO

Neste texto apresentaremos um primeiro movimento reflexivo da pesquisa de mestrado em torno da construção identitária dos jovens congadeiros da Irmandade da banda de Nossa Senhora do Rosário, localizada no bairro rural São José do Triunfo, Viçosa, MG. Para apresentarmos mais profundamente essas questões, passaremos mais brevemente pelas bases conceituais em torno da cultura popular e cultura da mídia e estabeleceremos um ponto de partida teórico acerca da juventude.

PALAVRAS-CHAVE: cultura popular tradicional; cultura da mídia; juventude; identidade; comunicação.

Introdução

Neste texto apresentaremos um primeiro movimento reflexivo da pesquisa de mestrado em torno da construção identitária dos jovens congadeiros da Irmandade da banda de Nossa Senhora do Rosário, localizada no bairro rural São José do Triunfo, Viçosa, MG.

A pesquisa de campo com os 16 jovens teve início em maio deste ano, 2011, entretanto a história do interesse pela comunidade começa alguns anos antes, em outubro de 2004, quando, junto à professora Carla Ávila e mais quatro estudantes dos cursos de graduação de comunicação, dança e educação física, da UFV, conhecemos a o congado⁴ de São José com o intuito de filmarmos a manifestação. O material, que seria utilizado na disciplina de danças brasileiras, ministrada pela professora Carla Ávila, acabou sendo o primeiro momento de um processo de produção do documentário

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação, pelo PPGCOM/UFJF. rlrzende@yahoo.com

³ Professor Dr. e orientador do trabalho de mestrado de Raquel Lara Rezende. zeluz@acessa.com

⁴ O congado é uma manifestação cultural popular, marcada por motivos religiosos afro-descendentes. O congado acontece anualmente, com homenagens a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.



Gengibre, da elaboração de projetos de extensão em torno da cultura popular e da fundação do grupo interdisciplinar de pesquisa sobre cultura popular, *Gengibre*, UFV.

O interesse em desenvolver um projeto de pesquisa no mestrado acerca da construção identitária dos jovens congadeiros também está precedido de um processo de construção reflexiva, possível pela observação e pela vivência de outros trabalhos educacionais com jovens dos municípios mineiros de Viçosa, Ponte Nova, Betim e Juiz de Fora.

A nossa tentativa, nessa pesquisa, se dá no esforço de compreender mais profundamente a juventude congadeira dessa comunidade e seus processos de negociação com suas referências identitárias, entre elas, a escola, família, os conteúdos midiáticos, a convivência no bairro e o congado.

No ambiente do congado, os jovens contam com a presença e a orientação dos *guardiões da memória*⁵, seu Dola – Augusto Virgílio - (rei congo) e seu irmão Zeca – José da Paixão Virgílio - (capitão da guarda), ambos com mais de 80 anos. No ambiente familiar, é importante dimensionar o lugar da religiosidade que se mostra bastante presente não apenas no grupo de congado, mas no bairro de uma forma geral, onde, recentemente, tem crescido o número de igrejas evangélicas. A escola pública do bairro, freqüentada por todos os jovens congadeiros que estudam no momento, também se mostra um importante espaço de convivência entre eles e com os outros jovens, principalmente por ser um espaço em que eles conseguem criar laços e práticas que escapam do controle e da proposta escolar.

Logo na primeira entrevista, realizada em maio, ficou perceptível a importância do bairro também enquanto espaço de criação desses laços e práticas. Diferente do que imaginamos inicialmente, os conteúdos midiáticos não se mostram como principal fonte de entretenimento para a maior parte dos jovens congadeiros, mas atividades que são realizadas na rua, como andar de bicicleta, soltar pipa, lavar moto e jogar futebol. Realidade bem diferente dos jovens juizforanos com quem trabalhamos no projeto *Comunicação para a cidadania: tecnologias, identidade e ação comunitária*⁶, para

⁵ O termo *guardiões da memória* foi cunhado por Olga Von Sinsom (2000), ao se referir aos/as responsáveis pela transmissão do conhecimento da tradição às gerações mais novas. A palavra tradição, por sua vez, vem do latim *traditio*; o verbo *tradire*, significa entregar, passar algo a outra pessoa, ou de geração para geração, podendo ser compreendida como o conjunto de valores dentro dos quais se estabelecem as comunidades.

⁶ Sob a coordenação da profa. Dra. Cláudia Regina Lahni, o projeto de pesquisa com interface com a extensão (Fapemig), trabalhou nos anos de 2008 e 2009 com jovens de quatro bairros do município de Juiz de Fora. O projeto contou com o trabalho da bolsista de apoio tecnológico, Raquel Lara Rezende, bem como do envolvimento das faculdades de Comunicação e Serviço Social da UFJF, a partir do Polo



quem o computador e o aparelho celular, principalmente, eram citados como coisas imprescindíveis em suas vidas.

Entretanto, essa diferença não significa que a cultura da mídia não constitua fonte importante de referências simbólicas para esses jovens, nem tampouco que os mesmos não façam uso das mídias, mas essas *parecem* não ocupar o lugar central em suas bases identitárias. Dizemos *parecem*, por compreendermos que as fontes que alimentam nossos desejos, sonhos e projetos de vida, passam, hoje, invariavelmente, pelo menos nas sociedades capitalistas, pela cultura da mídia. Dessa forma, os próprios projetos e desejos dos jovens congadeiros podem não estar ligados, aparentemente, aos valores, e conteúdos simbólicos difundidos na mídia, entretanto, são de alguma forma perpassados pelos mesmos. A questão central, então, é perceber como esses jovens negociam com as referências desses conteúdos, as suas próprias referências, possíveis, entre outras coisas, por um longo processo de vivificação de valores e símbolos cunhados no ambiente do congado.

Para apresentarmos mais profundamente essas questões, passaremos mais brevemente pelas bases conceituais em torno da cultura popular e cultura da mídia e estabeleceremos um ponto de partida teórico acerca da juventude.

Cultura popular tradicional e cultura da mídia

Faz-se importante, depois de termos localizado os jovens congadeiros, sujeitos da pesquisa, nos aproximarmos de seu contexto micro, o congado. Ao longo desse processo de pesquisa, escolhemos nos referir ao congado enquanto cultura popular tradicional, por entendê-lo como manifestação que se desenrola em torno da vivificação cíclica de certa tradição. Preferimos esse termo ao de cultura popular, por compreender que nem toda cultura popular é tradicional, assim como nem toda cultura tradicional é popular.

Entretanto, é necessário apontar a pertinência de pensar a complexidade do termo cultura popular, quando nos questionamos, como sugere Peter Burke (2005), “quem é o povo? Todos ou apenas quem não é da elite?” (pg. 40). Essa maior abrangência do termo “popular” se dá, principalmente, com as pesquisas em História Cultural e com os questionamentos em torno das categorias *cultura popular* e *cultura*



erudita, e com apontamentos em torno da existência da circularidade entre essas categorias (GINZBURG, 1987).

Na comunidade do Triunfo, a rememoração e transmissão da memória coletiva do grupo de Congado se dá principalmente através da *oralidade*. No cerne desse processo, podemos identificar alguns atores de grande importância para o grupo. Como afirma a pesquisadora Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, em uma sociedade marcada pelas formas orais de transmissão dos saberes,

(...) a memória coletiva é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incumbem de transmiti-la às novas gerações, cabendo aos mais velhos, devido à sua maior experiência e vivência, o importante papel social de guardiões da memória (VON SIMSON, 2004, p. 25).

Quando falamos, então, de cultura popular tradicional, e mais especificamente na transmissão e re-construção cotidiana dos saberes aí envolvidos, é relevante destacarmos a importância dos *guardiões da memória* que são, na maior parte das vezes, referência para a comunidade, em termos de valores, ética, postura e saber.

Nessas manifestações também nos deparamos com a *perspectiva de temporalidade* evocada em suas práticas culturais. O uso e sentido do tempo, aliados às formas orais de comunicação de cada tradição cultural, são alguns dos princípios diferenciadores em relação às expressões culturais nascidas sob a égide da modernidade, como é o caso da cultura da mídia.

“O tempo da cultura popular é cíclico. (...) O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor” (BOSI, 1987, p. 11). O Congado de São José do Triunfo se apresenta justamente nesses termos: constitui-se enquanto parte da memória coletiva comunitária e é vivenciado por seus integrantes em diversas épocas do ano, como em um ciclo, no qual rememoram práticas culturais e realidades sociais passadas.

Essa relação passado/presente, propiciada principalmente por possibilidades orais de comunicação, pode ser criativa e transformadora. Isso porque, no caso das manifestações culturais populares tradicionais, o elo com o passado se estabelece não de forma estática, mas de forma a buscar elementos que contribuam diariamente no enfrentamento dos desafios contemporâneos e futuros. O pensamento de Olga Von Simson nos traz essa perspectiva:

(...) o ato de compartilhar a memória é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos - porque alicerçadas numa bagagem cultural comum - e talvez por isso conduza à ação. (...) Nesse processo, utiliza-

se os “óculos do presente” para reconstruir vivências e experiências pretéritas, o que nos propicia pensar em bases mais sólidas e realistas nossas ações futuras (VON SIMSON, p. 27, 2004).

Quando Simson usa a metáfora ‘óculos do presente’, somos convidados a pensar o que constitui, hoje, para os jovens brasileiros, de uma forma geral, esses óculos, ou seja, qual o seu contexto macro. Entendemos que esse contexto é construído por diversas dimensões, econômica, política, cultural, educacional, comunicacional, ambiental, social, todas conectadas entre si, e bastante relevantes para uma visualização contextual aprofundada. Concentraremos aqui, entretanto, na interseção entre as dimensões cultural e comunicacional.

Douglas Kellner (2001), afirma existir uma cultura veiculada pela mídia, cujos conteúdos ajudam a tecer a vida cotidiana, bem como o conjunto de valores, comportamentos e desejos, fornecendo, assim, material com o qual os sujeitos forjam sua identidade. Kellner localiza nessa cultura produzida pela mídia, definições como bom/mau, moral/imoral, positivo/negativo; materiais com os quais construímos senso de classe, etnia, nacionalidade, sexualidade e identidade; produtos que foram instaurados na sociedade como mercadorias e cujas produções são guiadas pela lógica do consumo; e a construção de símbolos e mitos com os quais construímos uma cultura comum que serve a diferentes sujeitos, de diferentes regiões e culturas.

O autor traz em seu texto algumas discussões imprescindíveis que não aprofundaremos neste artigo, mas citaremos para que não os percamos de vista; Kellner fala da cultura da mídia enquanto espaço de disputas, onde grupos sociais lutam por domínio ideológico e econômico. E essa luta nos chega a partir dos discursos, espetáculos e mitos produzidos. Dessa forma, cultura da mídia e cultura do consumo mostram-se unidas na construção de comportamentos e pensamentos ajustados aos valores vigentes.

Podemos compreender a descrição desse cenário, como profundamente negativista, entretanto precisamos nos atentar para o fato de que toda produção e ação humanas são precedidas ou construídas por, ou com, alguma intenção; mas que, no entanto, ao ser apreendida pelo *outro*, é transformada, ressignificada e recriada, na medida em que é inserida nas práticas cotidianas. Dessa forma, estarmos cientes das intenções que guiam os produtos da cultura da mídia que consumimos é passo imprescindível para transcendermos as mesmas e construirmos outras coisas a partir delas.



Ponto de partida conceitual acerca de juventude

Desde a ciência clássica, no sec. XIX, a construção de conhecimento segue alguns padrões, como dividir e categorizar. Assim, as coisas, os animais e os sujeitos são encaixados em abstrações. Entretanto, alguns pesquisadores e estudiosos vêm apontando que essas abstrações não dão conta de abarcar todos os fenômenos, o que começou a suscitar um olhar de desconfiança para as generalizações. A juventude, ou os jovens, surgiu como categoria que, como diversos outros temas de pesquisa recentes, ainda se encontra em construção, e passa por conflitos em sua conceitualização, principalmente no que se refere à tentativa de alguns pesquisadores de construir uma generalização que dê conta de todas as questões referentes ao tema.

Ao se falar, então, dos jovens como uma ‘unidade social’, como um grupo dotado de ‘interesses comuns’, se cria, ou se constrói, uma categoria manipulável, como nos diz José Machado Pais (1990). Isso porque ao tomar a juventude enquanto categoria susceptível de intervenção administrativa e política se forma no imaginário um grupo com certa unidade dotado de certas necessidades. A questão é até que ponto essas necessidades são realmente reais e se os “problemas” associados aos jovens são percebidos como tais por eles mesmos.

Nesse sentido, é preciso termos cuidado, com relação às atividades de pesquisa, para não cairmos em discursos vazios que apenas alimentam e reforçam uma idéia construída de juventude. Para José Pais, nossos esforços precisam se dar no sentido de estabelecer rupturas com essa noção de juventude socialmente construída e desenvolver outra *doxa* mais firme.

Segundo Pais, a adolescência começou a ser abordada como “fase de vida”, na segunda metade do século XIX, quando submergiram dela problemas e tensões que a tornaram objeto de ‘consciência social’. Hoje, Pais afirma existirem duas tendências principais da sociologia da juventude; uma a toma como conjunto social constituído por indivíduos pertencentes a um mesmo momento da vida, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos; a outra tendência toma a juventude como um conjunto social diversificado, composto por diferentes culturas juvenis, de acordo com o pertencimento a diferentes classes, “diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc.” (PAIS, 1990: 140).



No Brasil, o cenário de construção do conceito de juventude se mostra bastante similar com o cenário descrito por José Pais. Para desenharmos um panorama geral dos estudos brasileiros em torno da juventude, vamos pontuar algumas reflexões e informações presentes no trabalho organizado por Marília Sposito (2009) e publicado em dois volumes, “O Estado da Arte sobre juventude na Pós-Graduação brasileira” 1 e 2. O trabalho da equipe de pesquisadores teve como corpo de análise as dissertações e teses das áreas de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, fixando como recorte temporal o período 1999-2006.

No Brasil, segundo Sposito, o tema *juventude* passou a ter maior visibilidade nos últimos quinze anos como produto da interseção de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores. Os jovens entraram na pauta das políticas públicas como parte da questão social e do crescimento da violência no país, o que instigou a produção de pesquisa acerca da juventude não somente da comunidade acadêmica, mas de Institutos privados de pesquisa, Organizações não-governamentais e Órgãos públicos. Essas produções têm traçado diagnósticos e desenhado retratos da juventude, construindo uma imagem dos jovens brasileiros.

Com a entrada dos jovens na pauta das políticas públicas, surgiram também iniciativas, nesse mesmo período, no âmbito municipal, seguido do federal, de levar os segmentos juvenis para a arena pública. Os jovens, assim, são colocados como atores capazes de ação e de interlocução política, o que cria “uma confluência de demandas e de representações no campo político que se torna uma arena bastante diversificada de iniciativas e de concepções em torno da questão juvenil no país” (SPOSITO, 2009: 17).

Assim como na Europa, também a violência é um aspecto constantemente abordado quando se trata de juventude no Brasil, como sendo quase uma questão inexorável. É sob o registro e destaque da violência que a esfera pública tem construído uma imagem dos jovens no Brasil, mais especificamente da juventude pobre, urbana, negra e masculina. Consequentemente, a maior parte das ações de política pública é voltada para o controle e contenção de riscos, a partir de programas e projetos educativos, sociais e culturais, por sua vez mais como forma de “combater” a delinquência do que como política pública para a juventude, compreendendo que esta segunda prescinde de um real interesse de criar, organizar e desenvolver possibilidades e espaços nos quais os sujeitos tomem consciência de si, do mundo e de suas potencialidades.



Na contramão dessa tendência generalizante, Marília Sposito observa uma recente diversidade temática na produção discente, o que indica que outras formas de conhecimento da realidade dos jovens em nosso país estão sendo pensadas. E apesar da violência ser uma questão sublinhada no senso comum, Sposito afirma que as relações entre os jovens e as múltiplas violências, sobretudo no ambiente das redes criminosas das periferias ainda são pouco investigadas.

O tema demanda um adensamento teórico ao lado da construção de problemáticas de pesquisa não assentadas em polaridades que, de um lado, reiterem o imaginário popular de uma juventude pobre violenta e perigosa e, de outro, considerem esses segmentos apenas como vítimas de desigualdades, não sendo, nesse caso, atores capazes de produzir orientações e algumas escolhas em suas trajetórias de vida. (SPOSITO, 2009: 29)

Outra consideração de Sposito, que nos traz importante contribuição, diz respeito à percepção de uma carência de estudos que tratem de aspectos mais transversais da vida dos jovens e que dialoguem com diferentes âmbitos e espaços de construção identitária, como a família, escola, o trabalho, as relações de amizade, a vida no bairro, entre outros. Essa transversalidade no estudo dos jovens, integrando vários aspectos da experiência cotidiana, pode ter o bairro ou a cidade como ponto de partida, articulando práticas socializadoras ou da sociabilidade ou mesmo de ambas.

A partir dessa colocação, compreendemos que esta pesquisa que propomos estabelece a integração dos jovens na Irmandade da Banda de Nossa Senhora do Rosário enquanto aspecto transversal, uma vez que perpassa profundamente as relações dos jovens com a família, o bairro, a escola, as amizades, a mídia e com sua construção identitária.

O estudo de Juventude na Comunicação

Denise Cogo e Pedro Gomes (2001) esclarecem que no campo da Comunicação, o interesse pelos estudos sobre a juventude/adolescência é despertado sobretudo a partir dos anos 1950 com o que Edgar Morin denomina *cultura infanto-juvenil*. Os jovens, nos países capitalistas, se encontram com a possibilidade de ter maior autonomia diante da sociedade e da família, e uma relativa independência financeira que lhes permite consumir e criar espaços próprios de encontros e lazer.

No capítulo dedicado à temática *Juventude, Mídias e TIC*, Maria da Graça e Jacintho Setton esclarecem que entre os temas *Novas Mídias, Velhas Mídias, Recursos Pedagógicos e Imagens e Representações*; foram encontrados 74 dissertações e teses.



Setton salienta que nos estudos voltados para as *velhas mídias* o jovem ou o adolescente não é abordado como passivo, mas como um receptor com capacidade crítica e de ressignificação das mensagens recebidas. Além disso, a TV é vista com um grande poder socializador, e de transmissão de papéis sociais que são apropriados pelos jovens, principalmente.

Graça e Setton puderam identificar ainda um grupo de estudos que se volta para a análise das imagens que as mídias constroem sobre a juventude. Nesses estudos entende-se que a mídia possui um poder informativo e formativo, sendo parte importante da construção perceptiva do receptor. Majoritariamente, os trabalhos concluem que a mídia constrói estereótipos acerca do jovem, reforçando o poder de socialização destes veículos.

É possível considerar que, desta forma, existiria um certo consenso de que as mídias seriam propagadoras de imagens juvenis já cristalizadas no social. Desta feita, a perspectiva do diálogo entre o público e a produção midiática é contemplada, ainda que se enfatize o caráter manipulador dos meios de comunicação de massa. Em outras palavras, as mídias não seriam vistas apenas como construtoras, mas também como difusoras de valores (SPOSITO, 2009: 76).

Os autores também consideram ainda pouco desenvolvida a discussão e a pesquisa em torno da capacidade do receptor de gerar seus processos criativos. Para eles, ainda se enfatiza o caráter manipulador, e em algumas abordagens determinante, da cultura das mídias no universo jovem. Neste sentido, aconselham uma postura que consiga desenvolver novos olhares sobre as diferentes possibilidades de usos dos recursos e conteúdos da cultura da mídia.

Segundo Cogo e Gomes, a preocupação sobre os efeitos dos valores e comportamentos difundidos pela cultura de massa sobre a juventude concentra-se no jovem enquanto consumidor. Essa questão se mostra central para os teóricos da cultura de massa, cuja produção assume caráter de denúncia sobre a capacidade manipuladora e alienante da cultura de massa.

Contemplada por Morin, essa reelaboração ativa situa-se no bojo do que ele denomina de ambivalência da cultura juvenil, relacionada à aparente contradição que caracteriza, de forma mais ampla, essa etapa da vida, ou seja, a busca da autenticidade e, simultaneamente, a busca da integração na sociedade. A problemática juvenil ou adolescente, assim recolocada em uma perspectiva histórica, articula-se em torno da dupla noção de tendência e contratendência, que explica a trajetória de uma geração que participa da cultura de massa e ao mesmo tempo busca dela diferenciar-se (COGO e GOMES, 2001: 25).

Segundo Cogo e Gomes, “Morin compreende essa contratendência como possibilidade de tomada de consciência crítica do público jovem, pondo em discussão seus conteúdos e também sua função e seu modo de participação”, pg. 25. Dessa forma, percebemos a importância de se incentivar a formação desses grupos e as possibilidades dos mesmos se expressarem, valendo-se da ampla gama de tecnologias da comunicação e da informação, tão aclamadas e, no entanto ainda tão limitadas em seu acesso.

Juarez Dayrell e Áurea Carolina, em LIMA (2006), afirmam que nos últimos anos, e de forma cada vez mais intensa, os jovens têm encontrado na cultura uma das principais e mais visíveis formas de comunicação, a partir da qual se expressam e se posicionam diante de si mesmos e da sociedade.

Pesquisas na Europa e no Brasil apontam que a fruição e a produção cultural, em especial as que ocorrem em torno da música, vêm se tornando processos privilegiados de constituição dos jovens como atores sociais. Essa atuação articula identidades e referências na elaboração de projetos de vida individuais e coletivos, além de ser uma forma de participação social, por meio da qual os jovens buscam intervir na sociedade.

Dentro dos movimentos culturais juvenis mais citados, como o punk, o rap/hip hop, e o funk, não encontramos nenhuma referência a movimentos que vêm da cultura popular tradicional, como o congado. Entretanto, sabemos que diversos jovens, apesar do intenso apontamento do “êxodo” dos jovens das manifestações tradicionais, participam desses grupos, como é o caso dos jovens congadeiros de São José do Triunfo. Acontece que, mesmo com as reformulações na forma de perceber essas manifestações tradicionais, ainda se carrega uma idéia de que esses são espaços culturais próprios dos “velhos”, da tradição, da estagnação, da ausência de transformação e criação.

Essa, porém, é uma percepção equivocada. E isso fica claro quando percebemos as movimentações criadas pelos jovens em torno do congado, o envolvimento que eles demonstram ter – mesmo dentro de outra lógica que conduz essa relação, diferente da lógica dos mais velhos que esperam deles a mesma postura que tinham quando jovens –, e a própria reinvenção dos valores do congado, a partir de seus contextos.

Entendemos que essas manifestações possuem uma gama de valores, saberes e símbolos que são transmitidos de geração a geração a partir da oralidade e do tempo cíclico, e que fica presente na memória coletiva; e esses valores estabelecem de diferentes formas, dependendo do envolvimento do grupo com a manifestação, um limite que resiste e mesmo impede grandes transformações que infiram em sua lógica



cultural, em sua fé. Por isso mesmo, o espaço da cultura popular tradicional não é lugar totalmente aberto para a criação e transformação de suas estruturas simbólicas basais.

Nesse sentido, é interessante uma informação que Marcelo Vilarino (2007) traz em sua dissertação de mestrado; o pesquisador cita a criação de um grupo artístico criado pelos jovens da comunidade de congado de Arturos (Serra do Cipó, MG), frente ao impasse entre o desejo de se expressar de determinadas formas e ao fechamento dentro do grupo de algumas possibilidades.

Na opinião de Dayrell e Carolina, a inserção no universo cultural assume uma importância central para a vivência e a formação dos jovens. A arte possibilita o desenvolvimento de práticas, relações e negociações e a criação de seus próprios espaços, de forma mais autônoma. Dessa forma, eles recriam as possibilidades de entrada no mundo cultural e se deslocam do lugar de espectador passivo, colocando-se como criadores ativos.

Os pesquisadores também destacam a criação, no cenário da juventude belo-horizontina, de meios de comunicação de caráter artesanal e efêmero nos processos de mobilização cultural da periferia de Belo Horizonte/MG, o que assinala a grande potencialidade da cultura e das mídias enquanto lugares de produção independente e de formação dos jovens.

Rosa Bueno Fischer (2005) também se volta para essas práticas alternativas midiáticas dos jovens e, a partir de Foucault, tem definido o termo “dispositivo pedagógico da mídia” como aparato discursivo e também não discursivo, uma vez que nele se produzem e circulam saberes e discursos e por estar em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, produções e consumos.

Para Foucault, não se trata *sempre* de relações de poder, de aprisionamento dos sujeitos, de controle, de disciplinamento e vigilância dos corpos. Ele nos mostrou que, simultaneamente ao reforço de controles, há a produção de resistências, em acordo com estratégias de poder e saber, que podem ser descritas em análises sobre modos de publicização da vida privada e de pedagogização midiática (FISCHER, 2005: 2).

Compreendemos que o sujeito está constantemente submetido a relações de poder e de controle, entretanto essas relações não são absolutas, e, em suas práticas, o indivíduo pode olhar para si, se conhecer e construir verdades sobre si mesmo. É essa complexidade, segundo Fischer, que indica possibilidades de ultrapassar o controle.

Os jovens congadeiros



Faz-se importante esclarecer que os jovens congadeiros não se encaixam em diversas considerações generalizadas acerca da juventude brasileira. A começar pela sua territorialidade; os jovens não apenas moram em um bairro rural de uma cidade pequena, como transitam pela zona rural, onde os parentes ou amigos possuem pequenas propriedades, de onde tiram seu sustento. O acesso às novas tecnologias, à internet mais especificamente, não é possível a todos e algumas atividades que inferem a ocupação do espaço da rua são centrais no cotidiano de muitos deles.

81% dos jovens possuem computador em casa e 50% possuem internet, sendo que 87,5% dos 16 fazem uso de internet, mas apenas 31% utilizam regularmente e a colocam como uma das principais atividades de lazer. Todos possuem televisão e 56% dos jovens têm esta mídia como importante fonte de entretenimento.

Outras três atividades apareceram como importantes atividades de lazer dos jovens: jogar bola (31%), soltar pipa (18%) e andar de bicicleta (18%). Outras atividades surgiram como assistir a filmes, tocar berimbau e lavar carro e moto, atividade realizada pelos jovens do bairro, de uma forma geral, como fonte alternativa de renda.

No primeiro encontro realizado com os jovens congadeiros individualmente em suas casas, foi possível perceber a existência de uma rede de relações nos “corredores” da escola em torno do congado, mas o tema é abordado pela escola, segundo os jovens, em dia de folclore e na época da festa, quando alguns alunos questionam os docentes acerca da manifestação e as professoras os orientam a conversar com os congadeiros. Outra questão interessante é que dois dos jovens, sem parentesco com os guardiões da memória, afirmam terem entrado para o congado por influência de seus amigos congadeiros.

A ausência de um direcionamento na política escolar, em geral, para a valorização dos repertórios e histórias culturais dos alunos não parece ser privilégio da escola do bairro. O trabalho de doutorado do pesquisador Gilberto Ferreira da Silva, citado em Sposito, revela a diversidade cultural presente na instituição escolar e aponta para a ausência de ações que potencializem essa diversidade no espaço escolar, o que contribui, segundo o pesquisador, para o fracasso escolar dos jovens do meio popular. Segundo Sposito, o autor também denuncia que a escola pesquisada é vive situações de discriminação étnica, e tende a invisibilizá-las.

A tese de doutorado de José Licínio Backes (2005), citada em Sposito (2009), que discute as negociações das identidades com as diferenças culturais entre os alunos,



traz algumas considerações interessantes. Backes constata que os jovens pesquisados, vivenciam o paradoxo de querer estabelecer fronteiras que os distinguem dos demais, e de negociar nesses tempos e espaços escolares, suas identidades, “mostrando sua ambivalência, instabilidade e hibridez, fazendo das fronteiras lugares de encontro, lugares de negociação” (SPOSITO, 2009: 99).

Essa constatação de Backes e a percepção do movimento dos jovens congadeiros na escola nos instigam a pensar na existência de abertura maior na juventude para movimentos de negociação identitária e cultural e mesmo de aproximação com outras lógicas culturais. E, infelizmente, esse não é um movimento estimulado nos espaços escolares e na mídia que sublinha majoritariamente a necessidade de autoafirmação e de exposição de uma dada identidade, se valendo mais do apelo visual.

Os 16 jovens se encontram na faixa etária de 13 a 21 anos e de todos, apenas Marcos Felipe Paixão, de 19 anos, não estuda e trabalha como operador de máquina, no transporte de material de construção. Mateus da Silva Paixão, de 15 anos, cursa a 8ª série e trabalha como jogador de futebol de um clube de Ubá. Os demais jovens apenas estudam, sendo que 62% se encontram no 1º grau.

No segundo encontro realizado no dia 18 de junho de 2011, em que estiveram presentes sete dos dezesseis jovens convidados, procuramos realizar algumas atividades de grupo. Nesse primeiro momento de grupo, nos preocupamos em aproximar dos jovens, e começar a perceber em uma primeira mirada, quais são seus valores basais, seus desejos, e como se dá a relação entre eles.

Com esses objetivos, iniciamos nosso primeiro encontro em grupo, colocando em uma caixa um pedaço de papel, onde cada um escreveu algo que considera muito importante em sua vida. Cinco se referiram à família, entre pais, irmãos e avós, e um se referiu à possibilidade de melhorar a vida de pessoas que se encontram em um “caminho ruim”. O sétimo jovem não estava presente nesse primeiro momento, não participando dessa atividade.

No projeto *Comunicação para a cidadania*, citado anteriormente, realizamos essa mesma atividade com jovens de dois bairros urbanos, do município de Juiz de Fora, e quase metade da turma de 31 jovens escolheu o computador, por conter fotos e mensagens importantes sobre suas vidas e por ser a partir dele possível entrar em contato com “o mundo”. Alguns poucos citaram a religião como referência, e outra parte relevante dos jovens colocou a família como central em sua vida.



A importância da dimensão da família enquanto elemento de forte identificação para os jovens é perceptível nos relatos escritos por eles de um momento marcante vivido no congado, em que dois dos jovens, netos do seu Dola, citaram a homenagem feita ao avô em comemoração aos seus 57 anos de congo. Outro jovem citou a sua coroação como príncipe congo, e os demais jovens relataram uma vivência na festa de 2010, quando a banda saía pelas ruas do bairro para buscar o rei, a rainha, o príncipe e a princesa, uma senhora, cujo filho tinha acabado de sofrer um acidente de moto, pediu para que o congado entrasse em sua casa com a imagem de Nossa Senhora do Rosário; enquanto entravam, a namorada do filho que estava no hospital, saiu do coma. A senhora, então, pediu que o grupo dançasse em sua casa.

Em outra atividade, em círculo, cada um citou alternadamente, coisas que desejam conquistar em suas vidas; e aqui, novamente, o âmbito familiar foi o primeiro a surgir nas falas, como “quero ter filhos”, “quero casar, ter filhos”. Saúde, estudo e bom emprego apareceram em seguida, e por último surgiram desejos mais do âmbito do consumo, como “ter carro” e “comprar uma casa”.

Esse segundo encontro, mesmo tendo sido com menos da metade deles, nos possibilitou aproximar de seus cotidianos, seus valores, suas posturas frente ao mundo, e deslocar certas idéias pré-concebidas no que se refere à juventude e que não se aplicam à realidade apresentada até o momento por eles.

Considerações finais

As reflexões tecidas nesse artigo foram possíveis não apenas pela movimentação com os sujeitos da pesquisa, tampouco apenas pelas leituras em torno de juventude. A cada trabalho realizado, torna-se cada vez mais clara a importância de nos voltarmos, quando tratamos de refletir acerca do humano, para cada realidade como única; e a partir dela traçar diálogos com outros trabalhos e outras realidades conhecidas. No caso dos jovens congadeiros de São José do Triunfo, o cuidado de não simplificar as suas questões, de forma a encaixá-las ou explicá-las a partir das teorizações já existentes, precisa estar claro e conduzir as reflexões tecidas, principalmente por ser tratarem de jovens negros, do sexo masculino e pobres, sobre quem já existem diversos estigmas e associações à violência e às drogas. Além disso, moram em um bairro rural de uma cidade pequena, o que também confronta com a maior parte das pesquisas que tratam de juventude que se voltam para os jovens urbanos.



Percebemos esses jovens em meio a linhas de força contraditórias, com as quais precisam se desenhar e desenhar os espaços que desejam ocupar no mundo. Referimo-nos à cobrança dos *guardiões da memória*, dentre outros, – que apontam seu desinteresse pelos sentidos do congado, assim como sua ausência nas reuniões do grupo –, têm mostrado a existência de questões bem mais complexas que simplesmente desinteresse, ou interesse apenas pela parte mais espetacular da festa. Acredito que muitas coisas estão sendo redimensionadas, e que os jovens estão construindo outras lógicas, outras formas de se colocar no mundo e de compreendê-lo.

São essas instâncias que precisamos delinear, se queremos construir conhecimento acerca dos jovens e pensar políticas de comunicação, cultura e educação que sejam capazes de abarcar as necessidades, os desejos e a diversidade dos jovens brasileiros.

Bibliografia

- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.
- _____. *O que é história cultural?*; tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COGO, Denise. **Da leitura crítica dos meios à educomunicação: convergências possíveis entre comunicação e educação**; in JACKS, Nilda ET AL. **Comunicação – Tendências**. 2. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- COGO, Denise e GOMES, Pedro Gilberto. **Televisão, escola e juventude**. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- FISCHER, R.M. Bueno. **Mídia, juventude e educação: modos de construir o —outro na cultura**. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 16(2), 2008. Recuperado de <http://epaa.asu.edu/epaa/v16n2>
- _____. **Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 43-58, jan./abr. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**; tradução de Betania Amoroso. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: EDUSC, 2001.
- LIMA, Rafaela (org). **Mídias comunitárias, juventude e cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica/Associação Imagem Comunitária, 2006.
- PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude—alguns contributos**. Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.



SPOSITO, Marília Pontes, coordenação. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Volumes 1 e 2 – Belo Horizonte, MG : Argumentvm, 2009.

_____. **Estudos sobre juventude em educação**. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N ° 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N ° 6. 37-52

VILARINO, Marcelo de Andrade. *Festas, cortejos, procissões: tradição e modernidade no congado belo-horizontino*. Dissertação de mestrado da PPG Ciências da Religião do ICH – UFJF, 2007.